



UNICAMP

P31.37

EVENTO: Retrospectiva Rebecca Horn

VEÍCULO: Folha de São Paulo

DATA: 03 de outubro de 1994

PÁGINA: 4 - 10

SEÇÃO: Ilustrada



Sexo e eletricidade fazem em NY inferno e paraíso de Horn

Museu Guggenheim faz retrospectiva da artista alemã

ERIKA PALOMINO

Da Reportagem Local

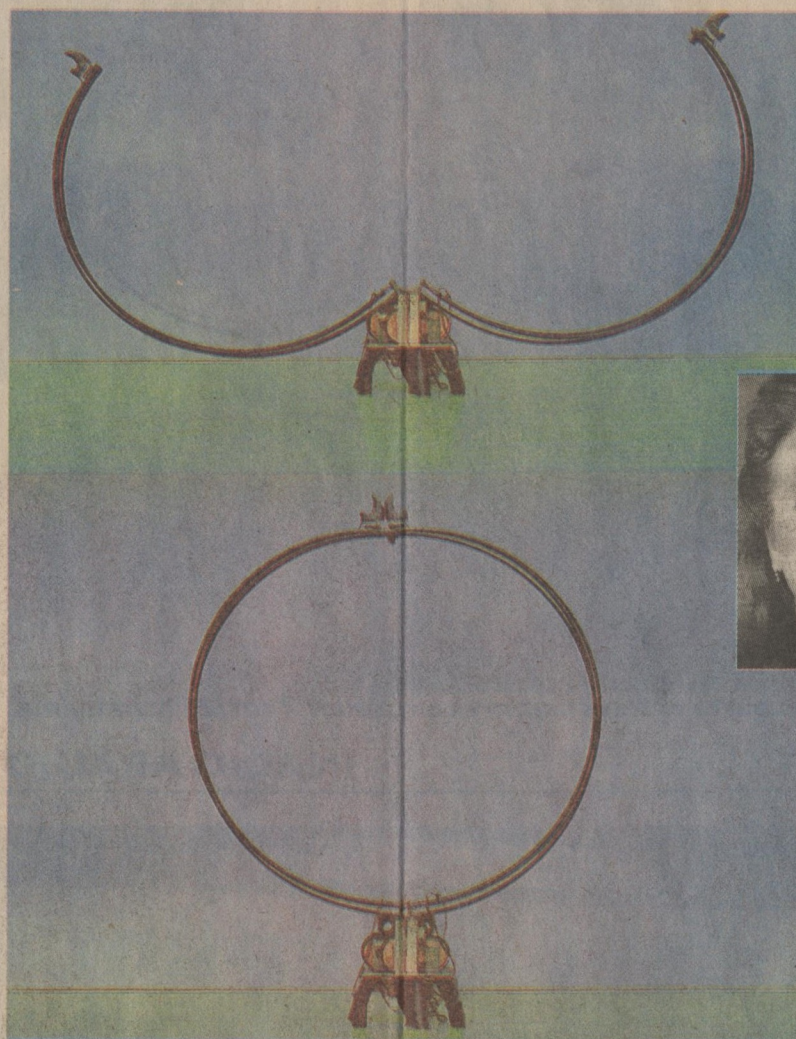
Ela trabalha com vídeo, filmes, instalações, esculturas e pintura. Mais uma chata multimídia? Não, é Rebecca Horn. É dela uma das exposições de maior impacto da temporada em Nova York, tanto que ocupa o espaço principal do Guggenheim Museu da Quinta Avenida e do recém-inaugurado anexo do SoHo.

A retrospectiva chama-se "The Inferno-Paradiso Switch" e envolve 30 anos do trabalho da artista alemã, que se utiliza de engenhocas e "ciência" para tratar de modo muito particular as relações humanas.

As peças de Rebecca Horn conquistam pela simplicidade — aparente. Como poesia bem-feita. Em um momento da bem montada exposição, logo no início da subida das rampas do prédio de Andrew Lloyd Weber, um martelinho vai batendo na parede, sistematicamente, abrindo um buraco na parede do museu. Ao lado, cinco retângulos pretos mexem-se, fazendo movimentar um punhado de mercúrio em cada um, com diferentes trajetórias.

A primeira noção que se sobressai, portanto, é a de tempo. Fora a ironia, outra constante. Mais adiante, o visitante descobre que Rebecca Horn, é, como um bom poeta, uma mestra nessas duas coisas.

Mais para frente, dois binóculos, um defronte ao outro, movem-se, como se observassem. O mesmo com um par de revólveres, com um espelho atrás de cada um, mexendo eletronicamente, como quem procura o alvo. Trata-se de "Rooms of Mutual Destruction" (quartos de destruição mútua, 1992), que



"Beijo de Rinocerontes" (89), de Rebecca Horn (no detalhe)

revela outro mérito de Horn: os títulos das obras — sempre inteligentes, que funcionam quase como mais uma referência na obra.

Com isso, já dá para perceber: o trabalho de Horn, mascarado de ingenuidade, tem raciocínios sofisticados e repletos de política, da chamada "sexual politics", o jogo

de poder dos relacionamentos amorosos. O inferno e o paraíso do título da mostra.

"A sexualidade é o motor", explica a artista quase num trocadilho, no texto de apresentação da mostra. O que ela passou a trabalhar mais a partir da década de 70 e 80. Nascida na cidade alemã

de Michelstadt (em 44), teve de abandonar esculturas em poliéster, sua técnica até os anos 60, por graves problemas de pulmão.

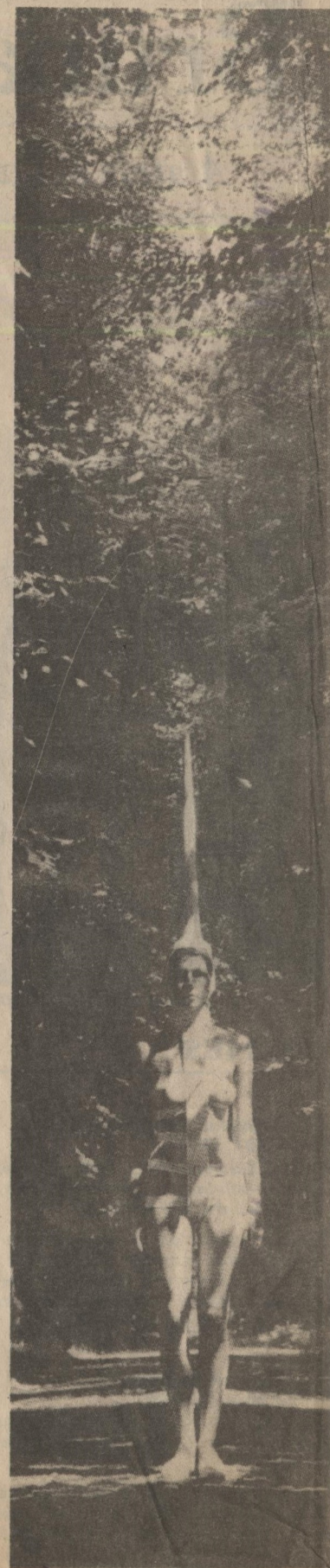
Os mesmos que a fizeram passar seis meses numa clínica. Lá, isolada e em contato apenas com outros doentes, voltou-se para as "body sculptures", esculturas que usavam referências ao corpo humano e sua vulnerabilidade. Como "Arm Extension" (extensão do

braço), feita com ataduras. Uma certa melancolia e um quê de solidão se somaram para sempre em sua obra, também. Refletida em trabalhos como "Mechanical Peacock Fan" (79), em que uma engrenagem mecânica comanda a abertura de

um rabo de penas brancas de pavão. Elas se abrem e fecham. Apenas.

Esse tipo de estrutura, repetitiva, cíclica, é marcante em Horn. Como em "O Beijo dos Rinocerontes", que reproduz o encontro de dois rinocerontes, que percorrem uma trajetória circular (de novo). Ao se encontrarem, os dois "rinocerontes" soltam faíscas e um barulho de choque elétrico. Em "As Noivas", um pincel de quando em quando se encharca de tinta azul e suja as paredes, respingando em dezenas de sapatos brancos, no chão. Em "O Bêbado", uma estrutura de metal vertical chacoalha em trajetória irregular, com um copo na ponta, derramando vinho e imitando o andar de um bêbado. Meio professor Pardal meio Duchamp, com alma de alquimista, Rebecca Horn é, com perdão da expressão fácil, genial.

Fotos Reprodução



"Unicórnio", 1970-1972

"Máquina de Sangue", 1970